



ISSN: 2358-0844

n. 3, v. I mai.-out. 2015
p. 06-18.

Tumultos de género: os efeitos de *Gender trouble* em Portugal¹

João Manuel de Oliveira²

RESUMO: A publicação da obra *Gender trouble – feminism and the subversion of identity*, por Judith Butler, constitui um tumulto nas teorias do género existentes e futuras. Este texto visa traçar o rastro dessa passagem no quadro dos estudos de género em Portugal, analisando a recepção da obra. Este artigo debruça-se também no rastro de *Gender trouble* na criação contemporânea, mostrando o encontro estranhamente familiar do coreógrafo Francisco Camacho com esse tumulto de género.

PALAVRAS-CHAVES: *Gender trouble*, Judith Butler, Estudos de género, Portugal, Dança contemporânea.

Abstract: The publication of *Gender trouble – feminism and the subversion of identity*, by Judith Butler, created havoc in the existing theories of gender and in subsequent ones. This text aims at tracing this passage in the context of Portuguese Gender Studies, analyzing the reception of the book. This article also traces the effects of *Gender Trouble* in contemporary creation, showing the uncanny encounter of choreographer Francisco Camacho with this gender turmoil.

Keywords: Gender trouble, Judith Butler, Gender studies, Portugal, Contemporary dance.

Resumén: La publicación del libro *Gender trouble – feminism and the subversion of identity*, de Judith Butler, creó un motin en las teorías existentes y futuras de género. Este texto tiene como objetivo trazar el rastro de este pasaje en el contexto de los estudios de género en Portugal, analizando la recepción de la obra. Este artículo también analiza el rastro de *Gender Trouble* en la danza contemporánea, mostrando el encuentro extraño familiar del coreógrafo Francisco Camacho con este motin de género.

Palabras clave: Gender trouble, Judith Butler, Estudios de género, Portugal, Danza contemporánea.

¹ Este texto foi originalmente publicado no Reader do *Ciclo Gender trouble - performance, performatividade e política de género*, que celebrou os 25 anos da publicação da obra e contou com uma conferência de Judith Butler, realizado no Teatro Maria Matos, entre 5 de maio e 24 de junho de 2015. O texto foi-me comissariado pelo teatro. É publicado aqui com autorização do Teatro Maria Matos, em Lisboa, a quem gostaria de agradecer a cortesia de permitir a publicação no Brasil.

² João Manuel de Oliveira é investigador auxiliar no Centro de Investigação e de Intervenção Social do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, onde coordena a linha temática Género, Sexualidades e Interseccionalidade. Doutor em Psicologia Social pelo ISCTE-IUL, com pós-doutoramento nas universidades do Minho, Porto e ISCTE-IUL. Foi investigador visitante no Birkbeck College da Universidade de Londres. Trabalha sobre estudos de género, teorias feministas e queer e estudos críticos das sexualidades no âmbito de uma psicologia feminista crítica e queer e tem uma multiplicidade de interesses de pesquisa que se espelham nas suas publicações, nomeadamente e de forma não exaustiva: cidadania sexual, neo-liberalismo e formas de resistência, genealogias do género, direitos sexuais e reprodutivos e teoria pós-estruturalistas do género e das sexualidades. É membro de conselho editorial da *Feminism and Psychology*, *Ex-Aequo* e *Les-Online*. Website: <http://www.cis.iscte-iul.pt/People.aspx?Lang=pt&id=64> e email: joao.m.oliveira@gmail.com

Como diz no prefácio à edição de 1999, de *Gender trouble*, “a vida deste texto excedeu as minhas intenções” (BUTLER, 1999, p. vii). Os livros fazem isso, ganham outras vidas, vidas próprias, sem se saber como. E de facto poucas obras nesta área deram origem a tanto debate conceptual, activista e científico (PÉREZ NAVARRO, 2012). Esse prefácio clarifica algumas das intenções da autora ao escrever *Gender trouble*: “abrir o campo de possibilidade para o género sem determinar quais as possibilidades que devem ser concretizadas” (p. viii) ao mesmo tempo que pretendia “deslegitimar todas as tentativas de promover um discurso de verdade que retirasse legitimidade às práticas de género e sexuais minoritárias” (p. viii).

Butler (1990) estabelece uma teoria do género não identitária, caracterizada pela análise dos limites da acção/expressão, de acordo com as normas de género dentro de uma heterossexualidade hegemónica. Trata-se de uma teoria baseada na agência e suas limitações normativas. Esse novo entendimento do que é o género desontologizou categorias centrais na teoria feminista, mostrando a necessidade de descentrar a diferença sexual como categoria analítica para passar a entender o género como afectado por muitos outros eixos, como classe, ‘raça’, mas, sobretudo, sexualidade. Se não é possível olhar para *Gender trouble* isoladamente, sem esquecer o contexto em que a obra surge, é fundamental pensar que a obra introduz uma dissolução da categoria ‘sexo’, categoria vazia e desde logo genderizada.

Igualmente, a obra inaugura uma visão sobre o género como performatividade, em que, por via da repetição e citacionalidade³ da performance de género vão gerar-se uma série de efeitos, nomeadamente a aparência de substância, interior e essencial, das expressões de género, criando um sujeito que aparenta ser anterior à performance, quando é construído no processo – reportando à ideia nietzschiana do sujeito construído na acção. Por outro lado, Butler continua o trabalho dos feminismos negros e *chicanos* sobre a ideia de ‘mulher’ como sujeito da teoria feminista, mostrando que essa universalidade não consegue traduzir os contextos em que as mulheres vivem: que incluem ‘raça’, classe, sexualidade, diversidade funcional, etc. Até da própria diversidade do género fora do dimorfismo sexual. Pelo contrário, a ideia de ‘mulher’, ao fazer tábua rasa dessas diferenças, toma as preocupações de mulheres brancas, de classe média, heterossexuais, como universais, promovendo um ‘branqueamento’ na teoria feminista. Butler evidencia a sua oposição a esses modelos de representação do feminismo e do seu “sujeito político”, na recusa da universalidade da diferença sexual como foco central do feminismo e de ver na ideia de ‘mulher’ um sujeito de

³ Refere-se à ideia de citação de um original, quando no género, não há nenhum original a seguir, a não ser um que se presume existir, mas que não se pode dizer que exista.



representação política universal, criticando a metafísica de substância nesse uso do género. Antes, esse sujeito é problematizado e sujeito a uma genealogia crítica, nesta obra:

A formação jurídica da linguagem e da política que representa as mulheres como sujeito do feminismo é uma formação discursiva e efeito de determinada versão das políticas de representação. E o sujeito feminista acaba por ser discursivamente construído pelo mesmo sistema político que é suposto facilitar a sua emancipação (BUTLER, 1990, p. 4-5).

A obra atende às relações complexas entre género e sexualidade, mostrando como o policiamento sobre o género, em condições de heterossexualidade normativa, é uma forma de policiar a sexualidade, mantendo-a heterossexual. Daqui decorre um conjunto de operações discursivas e com efeitos violentos com vista a manter uma homologia entre sexualidade e género. Essa constante atenção à sexualidade, que deve inspiração a Gayle Rubin, é fulcral para o entendimento dessa proposta de Butler. Diz a autora: “continuo a acreditar numa coligação de minorias sexuais que transcenderá as simples categorias das identidades” (p. xxvi). Esse interesse em interligar género e sexualidade conduzirá à entronização de *Gender trouble* como texto canónico para a teoria queer (OLIVEIRA, COSTA & CARNEIRO, 2014), sobretudo pela recusa do foco no identitário e pela importância da performatividade.

Assim, do ponto de vista dos estudos de género e da teoria feminista, a sua contribuição é um verdadeiro tumulto nos estudos de género. A revolução operada pelos trabalhos de Judith Butler e outras como Donna Haraway (1991), Gayatri Chakravorty Spivak (1993), Eve Sedgwick (1989), Teresa de Lauretis (1987) foi de tal maneira profunda que ainda não é possível entender todos os seus efeitos. *Gender trouble* é um trabalho que mudou radicalmente a maneira como investigadoras/es e ativistas olham para as relações sociais de género e que adquiriu repercussões globais. Judith Butler (2007: 529) descreve o efeito do trabalho de Monique Wittig no seu pensamento, dizendo: “Quando ouvi Wittig na Universidade de Nova Iorque, senti as minhas próprias categorias a dissolverem-se, um sentido de gravidade epistémica mudou”. O efeito de Butler e especificamente de *Gender trouble* é precisamente este. Mudar o sentido da gravidade epistémica nos estudos de género.

Irei atender às múltiplas encarnações em Portugal desse livro, escusando-me de apresentar o seu contributo conceptual (OLIVEIRA, 2011), apesar de me referir a ele. Assim, este texto apresenta-se em duas partes: as leituras e os desencontros com a obra em Portugal num determinado contexto de produção de conhecimento e de *praxis* feminista e o modo como os trabalhos de Francisco



Camacho e Miguel Bonneville foram afectados (no sentido que lhe dá Espinosa) por esse tumulto de género. Dessa forma, irei, nestas páginas, detalhar alguns dos principais contornos de disseminação e produção de discursos e contra-discursos em torno de *Gender trouble*.

Olhar para essa obra, desse modo, implica uma reflexão sobre os modos como instalamos as nossas leituras de textos. Nesse sentido, é importante clarificar o meu posicionamento que é alinhado com o de Gayatri Chakravorty Spivak (2011) neste particular: um texto é uma rede ou uma tessitura que inclui a rede a que chamamos vida. Este alinhamento é inspirado pela tese de Derrida da inexistência de um “fora” do texto. O texto é, portanto, con/texto. Parto então para este con/texto: o tumulto de Butler nos feminismos contemporâneos.

Tumultos do género nas ciências sociais em Portugal

Essa obra tardou a chegar a Portugal e nunca foi cá traduzida (tendo sido traduzida no Brasil em 2003, sob o título *Problemas de género*). A história dos estudos de género, ainda que parcial e parcelar, ajuda a entender essa chegada tardia. Será apenas após a publicação de *Gender trouble* que se começa a desenvolver os estudos de género e o conhecimento oriundo das teorias feministas na academia portuguesa. Como mostra Lígia Amâncio (2003), o conceito de género encontrou várias dificuldades para fazer parte das gramáticas conceptuais das ciências sociais e humanas em Portugal. Vários factores, enumerados pela autora, permitem um retrato desses obstáculos: uma invisibilidade do feminismo durante a maior parte do século XX, graças à ditadura e ao investimento na luta para derrubar o Estado Novo; a fraca escolarização da população e em particular das mulheres; um desenvolvimento recente das ciências sociais e humanas, que tiveram alguma dificuldade em acompanhar os debates internacionais nessa área. Gostaria de clarificar uma outra leitura, que faço a partir deste contributo de Amâncio (2003), que tem precisamente a ver com *Gender trouble*. A enorme resistência das ciências sociais portuguesas, sobretudo da sociologia e da psicologia, à discussão sobre modelos críticos das ciências sociais, decorrentes das transformações introduzidas a partir das teorizações pós-estruturalistas e pós-modernas é um factor primordial para entender esse processo do ponto de vista da reacção epistemológica conservadora, em particular num país com ciências sociais e humanas ainda muito recentes e pouco habituadas a debate científico desse nível.

Os sectores das ciências sociais mais conservadores, que vivem do recurso aos modelos empiristas da sociografia e à psicologia experimental, vêem no ‘pós-modernismo’ um perigo para a ciência que desrespeita a neutralidade, objectividade e isenção. Note-se como esse *soi-disant* nacional



positivismo recorre à retórica de cientifização e da pseudo-ciência e à necessidade de qualificar essas diferentes propostas amalgamadas no termo (para eles, pejorativo) de ‘pós-moderno’ como sinónimo imediato de não científico. Tal qual fazem com o género que vêem simplesmente como reivindicação política de feministas e que deslegitimam cientificamente com o rótulo da ausência de neutralidade, pedra de toque das suas análises. A neutralidade que defendem desemboca em projectos políticos específicos como os neo-liberais, outra ideologia aparentemente sem carga ideológica como o positivismo. Não cabe aqui um excuro sobre a estreiteza de pensamento e a ligeireza das afirmações que fazem. Contudo essas posições vão contaminar o pensamento de investigadores/as na própria área dos estudos de género, o que influencia em muito a recepção que fazem de *Gender trouble*.

Maria do Mar Pereira (2014) caracteriza a área dos estudos de género em Portugal através de uma abordagem de etnografia feminista, partindo das classificações *emic* das e dos investigadoras/es da área⁴, mostrando a sua dependência contextual de uma constante negociação de estatuto, quer dentro das disciplinas de origem, quer em relação à necessidade de internacionalização como forma de garantir estatuto epistémico. Essa dificuldade é muitas vezes traduzida na afirmação do atraso português em relação aos outros contextos de produção de conhecimento, esquecendo todo o contexto português. Essa atribuição ao atraso implica não ter em conta que a semi-periferia portuguesa está numa temporalidade distinta de outros países (OLIVEIRA, 2014), pelo contexto português que Amâncio (2003) enumera, aliada à dificuldade institucional da ausência de departamentos de estudos de género e da necessidade de negociar com as disciplinas de origem, uma série de dimensões como o estatuto epistémico, as práticas metodológicas, a disseminação desejada.

No caso do Estado Espanhol, o mais próximo do nosso, Pablo Pérez Navarro (2012) analisa a recepção do trabalho de Butler na obra de Celia Amorós, mostrando como esta ancora *Gender trouble* e as suas obras no âmbito do pós-modernismo, lendo a performatividade de género como voluntarista, sobretudo no que toca à subversão paródica das identidades, exemplificada com o *drag* e que para Amorós, com ligeiro travo a transfobia, conduz ao imobilismo político pela perda da referência ontológica da mulher, ancorado no universo da diferença sexual. Butler alerta contra esse género de leituras, explicando:

⁴ Área que apresenta como Estudos sobre as Mulheres/Feministas/de Género, mostrando a dificuldade em chegar a um consenso sobre o nome, ligado a preferências teóricas e inserções epistemológicas.



[A] leitura errada é mais ou menos esta: posso levantar-me de manhã, abrir o armário, olhar lá para dentro, e decidir que género quero ser hoje(...). O que resulta desta leitura é uma espécie de mercantilização do género, em que escolher um género é uma espécie de ato consumista. (...) A performance do género nunca é totalmente fluida, ela é configurada dentro dos limites discursivos do nosso mundo, e esses limites têm de ser tidos em conta. (BUTLER, 1992: 83)

Recorro a essa citação, pois várias/os investigadoras/es da área usam precisamente esse exemplo para se referirem ao género como performatividade no pensamento de Judith Butler, sem sequer saberem que a própria o usa como exemplo de má leitura do seu trabalho. Ou então reduzem-no, caricaturalmente, a uma performance, um fazer do género sem nenhuma produção de efeitos ontológicos que instalam e constroem o sujeito, tomando Butler por Erving Goffman (1993). Felizmente, essas leituras erradas raramente aparecem escritas, surgem sobretudo em comentários a conferências e afirmações tipo suplemento, o que torna difícil identificar correctamente quem as propõe, mas digamos que apresentam muitas parecenças com a proposta de Celia Amorós e com citação de Butler do ponto de vista de argumentos.

Será por via do trabalho de Conceição Nogueira (2001) que os trabalhos de Judith Butler vão começar a ser usados na psicologia feminista crítica em Portugal, no âmbito da sua tese de doutoramento defendida em 1997. Nessa obra, destaca o carácter performativo do género, opondo-o sobretudo à ideia do género como um atributo e localizando *Gender trouble* numa linha pós-estruturalista feminista, ligando-a à desconstrução de Derrida e às teorias de Foucault. Assim, Nogueira (2001) é das primeiras autoras a defender que o género se faz, ou seja, que se trata de um ato performativo em vez de ser um atributo que se possui ou um processo identitário, essencialista e psicologizante. É das primeiras feministas em Portugal a advogar a perspectiva feminista crítica, aberta a todas as novas teorizações pós-estruturalistas que, argumenta, vêm introduzir uma lógica de implicação política nos estudos de género e novas maneiras de pensar os feminismos e as mulheres.

Contudo, as restantes leituras não são tão celebratórias. Próxima, mas diferente, é a de Teresa Joaquim (2001) que parece representar o impasse em que o livro colocou ao pensamento feminista europeu. Se, por um lado, a genealogia feminista e crítica sobre a categoria ‘mulheres’ e ‘sexo’ é bem recebida, a dimensão de recusa das ‘mulheres’ como agente de representação feminista já se torna mais problemático, sendo lido pela autora como provocador de um “estilhaçar” da categoria. T. Joaquim vai usar, muito elegantemente, uma proposta de Donna Haraway, para levantar sobre *Gender trouble* a pergunta ‘o que conta como humano?’ a seguir a esse estilhaço. Essa maneira de



problematizar o pensar do género num espaço de fluidez é questionada e problematizada por T. Joaquim que, ao fazer essa ligação, está no fundo a fazer o que Butler (2005) fará, anos mais tarde, ao ligar as questões do género à inteligibilidade do humano. Tanto Macedo & Amaral (2005) como Tavares (2011) recorrem mais à ideia da fragmentação do sujeito. Contudo, não deixam de salientar a importância de questionar a ideia de ‘mulher’, mas sem lhe retirar esse estatuto de sujeito do feminismo. António Fernando Cascais (2005) problematizará o contributo de *Gender trouble* para um pensamento queer, nomeadamente pelo contraste face ao modelo identitário gay e lésbico. Esse contributo é sempre balizado pela preocupação com a perda das identidades como forma de fazer política. Escuso de dar mais exemplos, que os argumentos são muito semelhantes: sujeito-mulher fragmentado, despolitizado e até neoliberal, em casos extremos.

É nos números especiais de revistas sobre teoria queer, coordenados por Ana Cristina Santos (2006), Conceição Nogueira e J. M. Oliveira (2009), que o tratamento da obra de Butler vai ser levado mais longe, sem tanta precaução e aproveitando a dimensão da diversidade das performances de género, o que também é exemplificativo dos efeitos da chegada de uma geração de investigadoras/es que é socializada nos estudos de género já com *Gender trouble* como referência clássica. A atenção dada à performatividade de género parece então ser maior na teoria e feminismos queer do que nos estudos de género menos marcados pela sexualidade e maior na segunda geração de investigadores/as.

Miguel Vale de Almeida (2014) recentemente publicou um texto sobre Butler, com destaque para *Gender trouble*, sem deixar de referir as suas dúvidas face à eficácia política de uma teoria sem sujeito, assentes na sua ideia de essencialismo estratégico. Creio que, nesse domínio, essa posição não toma em linha de conta o papel importante da crítica à ideia de representação. Butler (1999: xxvi) não propõe em momento nenhum que a identidade não possa ser usada como representação política. O que pretende é antes chamar à atenção para esses processos de constituição das subjectividades, que são mais representacionais do que identitários. É pois face a essas normas de inteligibilidade, i.e. de representação do género, que as expressões de género são repetidas. Não é assentar na performatividade uma teoria de reivindicação de direitos, ela deve antes assentar na crítica e exposição dos discursos jurídicos, políticos e sociais que subsumem essas normas, ponto sempre escamoteado do seu pensamento. A política deve trabalhar para que a lei seja uma sabotagem à arbitrariedade das normas. Assim, a teoria de Butler tem, a meu ver, grandes contributos para repensar a acção política: pensá-la, usando as armas da teoria crítica, com a atenção focada nos discursos sociais; por outro lado, descentrar a política do *single issue*, pensando



não num grupo específico – identitário, LGBT, mas em coligações de que o queer é um exemplo. Para os estudos de género, considero que só agora o trabalho de Butler começa a ser incorporado como central na produção na área e não como foi antes, uma espécie de marca do pós-moderno, traduzido em aviso à navegação. O meu próprio trabalho incorpora as suas reflexões, como modo de pensar o humano como processo constitutivo dos feminismos e da teoria queer, que promovem um alargamento dos horizontes do que é tido como humano (OLIVEIRA, 2011; OLIVEIRA *et al*, 2014). Para esse questionar, é preciso deslocar a concepção do género para fora das identidades e antes para olhar integralmente as subjectividades, percebendo com essas são construídas nos discursos. E, para isso, *Gender trouble* foi essencial, ao iniciar o desvelar de uma teoria da subjectivação, assente na ideia de um poder que nos sujeita e que nos torna sujeitos, mostrando como o género é fulcral nesse processo. Igualmente, uma teoria da política pensada a partir de epistemologias negativas, fora do anti-intelectualismo das sociografias dominantes, para quem identidade é uma posição num questionário ou das pragmáticas da política imediata. Do meu ponto de vista, a longa vida de *Gender trouble* nas comunidades feministas e queer, quer académicas, quer activistas, prova como essas teses são problemáticas.

Tumultos de género nas artes performativas: coreografias de género

É nas artes performativas, no entanto, que encontramos os primeiros traços da obra, apesar da pouca reflexão sobre género na historiografia e antropologia da dança e da performance em Portugal. Creio que pelos mesmos problemas que apontei às ciências sociais e humanas. Portugal fica imune a esse olhar pela necessidade de uma inscrição disciplinar na maioria dos casos que depois se converte numa desatenção aos contributos não disciplinarmente marcados. Com uma importante excepção, os trabalhos de André Lepecki (2003). De facto, Lepecki, também pelas suas filiações conceptuais, percebeu claramente o modo como uma concepção pós-estruturalista do género e da sexualidade esclarecia o trabalho de Francisco Camacho ou como o trabalho de Vera Mantero poderia adquirir uma inteligibilidade à luz das teorias pós-coloniais.

Vou centrar-me com maior detalhe no caso de Francisco Camacho e com menor em Miguel Bonneville, os dois artistas que entendi essenciais para perceber esse trânsito. Regressemos ao princípio dos anos 90, quando a chamada “Nova Dança Portuguesa” (RIBEIRO, 1994) surgia, indisciplinada face às tradições da dança moderna e clássica, com uma série de novas preocupações postas em cena. Esses trabalhos precursores de Vera Mantero, Francisco Camacho, João Fiadeiro, Carlota Lagido, entre outras e outros, tinham sido alimentados/as por estadias no estrangeiro,



nomeadamente em Nova Iorque. Essas estadias, sob a forma de estágios ou de frequência de escolas, puseram-nos em contacto com o *ethos* em que Judith Butler também circulou, das performances *drag*, cinema às lutas coletivas contra a pandemia da SIDA - como os Queer Nation e Act Up - e a indiferença dos governos estado-unidenses de direita face à mesma. Esse contato informa uma sensibilidade a essas questões e que é traduzida nas suas peças.

Um desses casos, em que detecto pela primeira vez em Portugal a presença de uma concepção do género como performatividade, é na peça de Francisco Camacho, *Nossa Senhora das Flores*, de 1993. Portanto, antes dessa concepção do género ter entrado nas universidades portuguesas, ela já circulava em palcos pela Europa e por Portugal (dada a grande circulação desse solo). Francisco Camacho, entrevistado por mim para esse efeito, fala de ‘algo que estava no ar’ no seu período em Nova Iorque, das suas preocupações com a igualdade de género e a sexualidade. Apesar da peça ter sido concebida logo a seguir à publicação de *Gender trouble*, Camacho não conhecia, à altura, a obra. Contudo, como apresentarei a seguir, o seu trabalho nessa peça apresenta uma concepção do género com muitas semelhanças com *Gender trouble*, parecendo que a obra o inspira, apesar de sabermos que o criador não a conhecia. Trata-se, portanto, de um encontro *umheimlich* (FREUD, 1964), *uncanny*, estranhamente familiar, que advirá dessa passagem desses mundos em que o género não era tão conservadoramente policiado e em que determinadas performances de género parodiavam e citavam essa cópia sem original que o género é.

A peça centra-se na experiência da transfiguração que usa códigos de feminilidade e de masculinidade, sempre falhados (o género como uma experiência de falha, de citação de originais que nunca o foram), como metonímia para o devir. O recurso à música medieval (Jordi Saval), tal com o figurino de um vestido que faz lembrar um hábito de dama antiga ou mesmo monja com flores, é uma espécie de *trompe l’oeil* à ideia de fundacionalismo do género: o recurso aos velhos tempos, em que a ordem de género era simultaneamente imutável e confundida com a natureza. Contudo, é com essa música que a transfiguração e os jogos de género começam, mostrando a ilusão que o próprio género propõe, como se viesse de outro lugar essencial que não a performance. A figura, interpretada pelo coreógrafo, tenta novas conceptualizações e corporizações, mas é como se certas normas (de género) não lhe permitissem sustentar aquelas operações por muito tempo, expondo o logro do género.

Há igualmente nesse solo uma possibilidade de leitura sobre o desenvolvimento do género sempre associado à hegemonia da heterossexualidade. A figura, quando tenta habitar espaços mais



normativamente marcados, transmite uma sensação de insatisfação, de um habitar um lugar fantasmático que lhe é desconfortável. Mas são esses espaços que são por essa figura testados excessivamente, como se quisesse fazer o gênero de forma conforme às normas, mas de forma excessiva e ritualizada e portanto demonstrativa da paródia de gênero, a que alude Butler (1990).

Uma leitura intertextual pode ligar *Nossa Senhora das Flores* com essa luz dos feminismos portugueses que foram as *Novas Cartas Portuguesas* (BARRENO, HORTA & COSTA, 2011). O recurso à figura da monja e da liberdade na clausura a ela associada não deixam de relembrar Mariana Alcoforado, a freira de Beja desmultiplicada em Anas, Marias Anas, Marianas, Mónicas e tantas outras figurações, nessa obra também de excessos, *multigenre* e elucidativa que tal com o *genre* literário, mulher não há só uma. Como refere Ana Luísa Amaral (2001), queer *avant la lettre* pelo foco na fluidez identitária e sua desmultiplicação. *Novas Cartas*, escrita por três autoras, começa logo por matar O Autor. Assim, poderíamos estabelecer uma estranha genealogia que parece convergir para *Nossa Senhora das Flores*: uma ligação com uma obra que inicia o feminismo português pós-fascismo, marcada pelo fantasma da monja da literatura portuguesa que encontra a liberdade para pensar fora do laço com o homem e dentro do espaço da clausura com a ligação também fantasmática ao trabalho de Butler, pelo partilhar de territórios e experiências nessa Nova Iorque onde o gênero não era tão colado com o (falso) original daqui. Espectral, uma verdadeira sociologia do assombração, essa peça (GORDON, 1997). É aqui que vejo a inauguração dessa forma de olhar para o gênero, performativa e não simples performance, sem passar pelas universidades e ir directa para a Nova Dança.

Seria apenas em 1997 que Judith Butler chegava à cena académica, na tese de doutoramento de Conceição Nogueira, quando antes já Francisco Camacho tinha dançado com ela. Vejo assim, nessa peça, uma experiência de hifenização (OLIVEIRA, 2014), de recorrer a várias perspectivas e construir uma forma coligativa de conhecimento artístico, modo como “esse” gênero foi introduzido na nossa semi-periferia, mas também modo como começou para Butler: coligação de conhecimentos, artes e ativismo, espalhar as múltiplas agências que o gênero também pode ser, a partir da fractura com as normas e a sua subversão.

É essa linha que também é explorada por Miguel Bonneville. O artista trabalhou desde o princípio com a ideia de que entre a vida e o trabalho artístico não há uma separação. Artista feminista, Bonneville dedicou-se primeiro a uma série de performances com o seu nome e distinguidas por números, nas quais mostra as suas preocupações com uma sociedade que divide o mundo entre



masculino e feminino, heterossexual e homossexual. Liga essas preocupações às questões das instituições como a família, como é evidente em *Family Project*, em que apresenta fotografias dos seus pais, mas as caras desses estão substituídas pela sua, transmitindo assim uma fantasmagoria identitária em que os laços familiares excessivos e psicologicamente traumáticos são expostos como uma continuidade de si. Esse exercício em torno também do género - trauma e falha - constitui um locus fundamental do trabalho de Bonneville.

Reportemo-nos à peça sobre *A importância de ser Simone de Beauvoir*, apresentada em 2015, para ver essas influências nos dias de hoje. Nessa peça, Bonneville ensaia uma série de exercícios e posições para “ser Simone de Beauvoir”. Os exercícios incluem determinadas poses, roupas, uso de objectos que criam essa fundamentação, criando uma aparente ilusão identitária ou pelos menos identificatória. Contudo, a *mise-en-scène* trai os intentos identitaristas. A ideia de ser Simone é afinal um espaço de ensaios, uma tentativa de devir. Miguel Bonneville ensaia devir Simone de Beauvoir, rememorando-a, com o género e teoria feminista em cena de forma muito consciente. Deixa-se afectar pelas forças intelectuais que o inspiram, forma espinosianas de se deixar afectar. Butler e o seu *Gender trouble*, fantasmaticamente, pairavam sobre essa peça: um arquivo feminista. Ambas as peças analisadas partilham a fantasmagoria e o espaço de arquivo de géneros e feminismos.

Tumultos

Essa pequena incursão leva a um confronto com as apropriações de *Gender trouble*, num país que tardou a lê-la e preferiu a segurança ontológica da significação exógena, optando por leituras como a de Amorós, uma essencialista assumida da diferença sexual, como é nítido na tónica na fragmentação do sujeito (como se esse estivesse ainda intacto).

Gender trouble pretendia

mostrar como o conhecimento naturalizado do género opera como uma circunscrição preemptiva e violenta da realidade. Dado que as normas de género (...) estabelecem aquilo que vai ou não ser inteligivelmente humano, aquilo que é considerado real ou não, constroem um campo ontológico nos quais os corpos podem ter expressão legítima.
(BUTLER, 1999: xxiii).

No país onde a teoria da Butler é antecipada por um corropio de identidades, multiplicidades e desmultiplicações, onde as mulheres demoram tanto a ser lidas como humanas, com a luz feminista que as 3 Marias vieram inventar, onde o género primeiro se dança e só depois é que se estuda, era



de crer numa recepção mais entusiasta. De facto, ela vai acontecer na psicologia feminista crítica, que sendo a crítica de uma das disciplinas mais conservadoras, é também das mais radicais (e radical, já dizia Angela Davis, é ir à raiz). Com os estudos queer a nascerem e que rapidamente se envolvem com esses estudos feministas e de género de forma cada vez mais desobediente, teoria bastarda, impura e promíscua. Demorou mas está a ser.

Celebremos pois, a diversidade dos géneros, legado esplêndido dos 25 anos de *Gender trouble* e saibamos recusar tanta segurança ontológica pré-determinada. Não são isso os feminismos?

Referências

- AMÂNCIO, L. O género no discurso das ciências sociais. *Análise Social*, 168, 2003, 687-714.
- AMARAL, A. L. Desconstruindo identidades: ler Novas Cartas Portuguesas à luz da teoria queer. *Cadernos de Literatura Comparada*, 3-4, 2001, 77-91.
- BARRENO, M. I., HORTA, M. T. & COSTA, M. V. *Novas cartas portuguesas*. Lisboa: D. Quixote. 1ª ed. 1972/2010.
- BUTLER, J. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.
- _____. The Body You Want: Liz Kotz interviews Judith Butler. *Artforum*, 31(3), 1992, 82-89.
- _____. Preface (1999). In *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge. 1999, (p. vii-xvi). 10th anniversary edition.
- _____. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2005.
- _____. Wittig's Material Practice. Universalizing a Minority Point of View. *GLQ*, 13, 2007, p. 519-533.
- CASCAIS, A. F. Um nome que seja seu: dos estudos gays e lésbicos à teoria queer. In A. F. Cascais (org.). *Indisciplinar a teoria: estudos gays, lésbicos e queer*. Lisboa: Fenda, 2005, p. 21-89.
- FREUD, S. The 'uncanny'. *The complete psychological works of Sigmund Freud*. London: Hogarth, 1ª ed. 1918/1964, p. 217-256.
- GORDON, A. *Ghostly matters: haunting and the sociological imagination*. Minneapolis, MN: University of Minnesota P, 1997.
- GOFFMAN, E. *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio d'Água, 1993.
- HARAWAY, D. *Simians, cyborgs and women: the reinvention of nature*. New York: Routledge, 1991.
- JOAQUIM, T. Estudos sobre as mulheres na filosofia. *Ex Aequo*, 5, 2001, p. 69-106.
- LAURETIS, T. *Technologies of gender*. New York: Routledge, 1987.
- LEPECKI, A. The impossible body; queering the nation in Portuguese dance. In S. Quinlan and F. Arenas (Eds.) *Lusossex: gender and sexuality in the Portuguese-Speaking World*. Minneapolis, MN: Minnesota U.P, 2003.



- MACEDO, A. G. & AMARAL, A. L. *Dicionário da crítica feminista*. Porto: Afrontamento, 2005 (verbete gênero)
- NOGUEIRA, C. *Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- OLIVEIRA, J. M. & NOGUEIRA, C. (Eds.). Fazer o gênero: performatividades e abordagens queer. *Ex-Aequo*, 20, 2009.
- OLIVEIRA, J. M. Fazer e desfazer o gênero: performatividades, normas e epistemologias feministas. In S. Neves (Ed.). *Gênero e Ciências Sociais*. Maia: Publismai, 2011, p. 49-66.
- _____. Hyphenations: the other lives of feminist and queer concepts. *Lambda Nordica*, 2014, p. 38-59.
- OLIVEIRA, J. M., COSTA, C. G. & CARNEIRO, N. S. Problematizando a humanidade: para uma psicologia crítica queer. *Annual Review of Critical Psychology*, 11, 2014, p. 41-58.
- PEREIRA, M. The importance of being 'modern' and foreign: feminism and the epistemic status of nations. *Signs*, 39, 2014, p. 627-57.
- RIBEIRO, A. P. *Dança temporariamente contemporânea*. Lisboa: Vega, 1993.
- PEREZ NAVARRO, P. Parodias de la parodia en Martha Nussbaum y Celia Amorós. In P. Soley-Beltran & L. Sabsay (orgs.) *Judith Butler en disputa: lecturas sobre la performatividad*. Barcelona: Egales, 2012, p. 27-58.
- SANTOS, A. C. Estudos queer: identidades, contextos e ação colectiva. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 76, 2006.
- SPIVAK, G. (1993). Can the subaltern speak? In P. Williams e L. Chrisman (Eds.). *Colonial discourse and post-colonial theory: a reader*. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf, 1993, p. 66-111.
- _____. *An aesthetic education in the era of globalization*. Cambridge, MA: Harvard U. P., 2011.
- TAVARES, M. *Feminismos: percursos e desafios*. Lisboa: Texto Ed, 2011.
- VALE DE ALMEIDA, M. Do feminismo a Judith Butler. In UNIPOP (org.). *Pensamento crítico contemporâneo*. Lisboa: edições 70, 2014, p. 144-151

